

A LÍNGUA E O ESTILO DA POESIA LATINA CRISTÃ

José Guimarães Mello*

RESUMO: Num primeiro momento, este trabalho discorre um pouco sobre o nascimento da poesia latina cristã; e, num segundo, sobre seu amadurecimento através de um estilo próprio. A partir da poesia como inspiração até o sentido literário original de poesia como *poihssein*, (fazer, construir), demonstra-se que, por volta do século IV e V d.C., houve uma aproximação do mundo cristão com o mundo antigo grego, em termos de cultura rompendo com o isolamento criado pelas comunidades primitivas cristãs dos primeiros séculos.

PALAVRAS-CHAVE: poesia cristã, estili poético, forma poética cristã

LANGUAGE AND STYLE OF CHRISTIAN LATIN POETRY

ABSTRACT: In a first moment, this work talk about the birth of the Christian Latin poetry; and, in one second, about its ripeness through an own style. Starting from the poetry as inspiration until the literary sense of original poetry as *poihssein*, (to do, to build), it is demonstrated that, around the IV (fourth) century and V (fifth) A.C. there was an approach of the Christian world with the old Greek world, in terms of culture breaking up with the isolation created the primitive Christians communities of the first centuries.

KEY WORDS: christian poetry, poetic style, christian poetic form

INTRODUÇÃO

Embora saibamos hoje que o termo poesia vem no sentido concreto, os antigos davam a essa arte o nome de *poihsis* (criação), distinguindo-a das outras artes qualificadas de *tecnaí* (habilidades). Isso lhes permitia elevar a poesia, transferindo-a para a esfera do sobrenatural, do divino.

Os antigos julgavam que é através da poesia que as divindades se dirigiam aos homens, nas mais antigas epopéias gregas, que começam exatamente por uma invocação à Musa. Entendiam os antigos, que, dessa maneira, a pessoa do poeta se apagaria e uma certa passividade tomava conta dele juntamente com a forma mais sublime da criação poética.

Essa mania não é uma concepção poética exclusiva da epopéia, encontra-se também em outros gêneros. A generalização da invocação da presença divina, que outrora era a expressão de uma idéia, de uma experiência profunda, tornou-se um simples elemento de estilo, um clichê, obrigatório no começo da epopéia e repetido, muitas vezes, no decorrer da obra.

Essa poesia inspirada, produzida pelos antigos, transformou-se, por volta do século IV da nossa era, em Roma, numa verdadeira *techné* (arte) no sentido mais restrito da palavra, ou seja, arte manual, indústria. As invocações às musas e as preces dirigidas aos deuses para obter inspiração divina transformaram-se em elementos tradicionais de uma técnica poética ensinada nas escolas.

DISCUSSÃO

1. O Nascimento da Poesia Cristã

Para melhor entender tudo isso é preciso reportar-se ao caráter pedante de toda a atividade literária e poética do Baixo-Império romano. Houve, nesse período, ou seja, em torno do século IV, um rigorismo formal. A educação era dominada por um classicismo, um normativismo rigoroso. A cultura tradicional era muito mais apreciada do que os dons

criadores, de tal maneira que não se distinguia entre escola e vida. Segundo Marrou (1958, 90 ss), nesse período não havia distinção nítida, real, entre os dois aspectos da cultura, a preparatória ou educação e a cultura entendida no sentido de "atividade" do espírito adulto. Não havia distinção entre a atividade do estudante e a do homem culto; nem havia diferença entre os discursos pronunciados sobre ciências da retórica e os exercícios feitos por estudantes na escola de retórica (Marrou, 1938, 90, ss). Perdeu-se o contato com a vida. A literatura, principalmente a poesia, viveram momentos frágeis, exangues da vida escolar (Pavan, 1952, *passim*). Essa, talvez, tenha sido a razão do não aparecimento da poesia durante os primeiros séculos do cristianismo. Não foi a hostilidade dos cristãos à arte em geral, ou à poesia em particular, que fez com que, durante séculos, a comunidade cristã não tivesse tido o prazer de ver um só poeta, inspirado nas fontes jovens e refrescantes do cristianismo nascente. A ausência de poesia cristã, nesse período, está intimamente relacionada à decadência e à parvoíce da poesia contemporânea. O empenho e o entusiasmo dos primeiros cristãos pelos ensinamentos de Cristo, o heroísmo dos mártires, a convicção e a certeza da vida eterna que dominavam o interior dos apologistas dos primeiros séculos, não encontraram uma expressão adequada numa poesia voltada somente para os círculos fechados dos retóricos e gramáticos.

Nesse período de escassez de poesia, a poderosa prosa de um Tertuliano, digna de glorificar o heroísmo dos mártires, e a língua bem lapidada de um São Cipriano constituíam as formas de expressão aceitas nos círculos cristãos. Através delas estava garantido todo o processo de comunicação com os fiéis, inclusive nas prisões, nos momentos mais delicados em que os *martyres designati* aguardavam a execução. Tertuliano, ao dirigir-se aos pagãos, para defender a religião cristã e acusar um estado de injustiça evidente, escolhia muito bem a forma tradicional de um advogado romano. São Cipriano, da mesma maneira, escolheu a forma tradicional da

*José Guimarães Mello, Livre-docente pela Unesp, docente do Curso de Letras da Unipar, em Umuarama

consolação latina, quando procurou consolar e confortar os fiéis, no momento em que o flagelo de uma terrível peste assolava a África (Favez, 1937, 38). Mas a poesia desse momento era incapaz de ser intérprete dos sentimentos cristãos, desqualificava-se por falta de seriedade e por um certo diletantismo pedante.

O renascimento da poesia, no entanto, aconteceu tempos depois, alimentado por fontes do cristianismo. Ao ressurgir ela une uma aliança de forças muito antigas, latentes no espírito romano com elementos especificamente cristãos. Esse veio poético levou séculos para ser reativado. Demorou muito para que os latinos acreditassem que a poesia era digna de ser intérprete das idéias e dos mais profundos sentimentos da sua fé cristã. Mesmo depois das primeiras tentativas da retomada do gênero, persistiu certa lentidão. Isso aconteceu porque se evitava uma poesia cristã adaptada às tradições da poesia profana, cuja maior característica era a sujeição servil e rigorosa à tradição romana (que não era a clássica), e não uma expressão direta de sentimentos e de experiências religiosas.

A poesia tradicional cristã, resultado da aliança acima referida, era destinada a desempenhar, na instrução cristã, um papel semelhante àquele que a poesia profana desempenhava no ensino público clássico. Fica um pouco difícil perceber a abrangência do caráter todo especial de uma poesia que se servia da função didática e pedagógica da poesia clássica. Em primeiro lugar era preciso não se esquecer que os grandes poetas nacionais como Virgílio e Horácio tiveram um lugar de extraordinário destaque no sistema pedagógico romano. Tanto eles como outros poetas clássicos eram o ponto de referência e centro do ensino comum. Ora, sabe-se que durante séculos a juventude cristã recebeu seu ensinamento nas escolas pagãs e que a formação intelectual dos cristãos era feita de certa forma nos moldes pagãos. Para o cristão como para o pagão, Virgílio era a fonte principal de todo conhecimento humano. Mas, desde o momento em que os cristãos descobriram a existência de uma cultura cristã, passaram a ter um ensinamento cristão suplementar, dado paralelamente ao ensinamento profano, ciclos cristãos, sem todavia substituí-lo. Isso explica o decalque ou a equivalência dessa forma poética à poesia profana, nas versificações de textos bíblicos, que constituíam o elemento mais importante desse ensino cristão suplementar. Assim nascia a poesia cristã.

Nem é preciso dizer que esse gênero de poesia não é de inspiração religiosa e por isso causou grandes estragos nos escritos bíblicos, que acabaram mutilados pela técnica medíocre desses versificadores. Ora, o fato de não ser de inspiração religiosa faz com que se torne mais fácil apreciar, de maneira razoável, o caráter especial e, às vezes, bizarro de sua língua e estilo.

Sabe-se que, graças à diferenciação lingüística profunda, produzida nos círculos cristãos dos primeiros séculos de nossa era, desenvolveu-se uma língua especial dos cristãos. Essa diferença lingüística responsável pela criação de uma língua especial manifestou-se não somente no vocabulário, mas também na morfologia, na sintaxe e na semântica. Ora, a poesia de que falamos é tão dependente da tradição épica romana que evitava da maneira mais rigorosa possível o uso de todos os elementos lingüísticos de caráter especificamente cristão. Evitava o uso dos termos e torneios próprios ao idioma especial dos cristãos transformando as

expressões especificamente cristãs e dando-lhes um colorido poético tradicional. O traço mais característico dessa poesia era de ordem negativa, ou seja, não constar nada que pudesse destruir a ilusão de uma poesia clássica. Tinha-se a impressão de que os poetas cristãos eram vítimas de um certo sentimento de inferioridade. Incapazes de incorporar elementos cristãos de maneira normal na língua épica, incapazes de criar uma língua épica de caráter cristão, com receio de que tudo isso resultasse num estilo deselegante, evitavam, escrupulosamente todos os elementos cristãos. Quanto mais a língua dos cristãos se diferenciava do uso comum, mais os poetas cristãos se afastavam uso corrente

Essa rejeição dos poetas aos termos cristãos acabou se enfraquecendo. Um pouco mais tarde, ainda no séc. IV, a poesia épica mostrou-se mais moderada e com aspecto natural. O que se evitou durante os primeiros séculos que poderia despertar idéias pagãs, agora não se evita mais. Consolidado na sociedade romana, o cristianismo mostrou-se muito mais tolerante ao estilo pagão.

Apenas para demonstrar o nível de relacionamento dos cristãos com a tradição poética antiga e o rigor com que era observado esse tabu, observemos alguns versos da pequena epopéia anônima: *De Iona*, um dos mais antigos poemas épicos cristãos. O poema conta que os marinheiros, após o desaparecimento de Jonas, louvaram a Deus e lhe renderam graças por sua salvação. Trata-se de um texto de difícil fixação cronológica e supõe-se que seja posterior à época de S. Cipriano (Mohrmann, 1958, 155).

*Navigio fluctusque secat sub fluctibus imis/
nauigat et uates alio susceptus Ionas.*

Não se pode dizer que, na poesia que acabamos de qualificar, haja uma fusão de elementos profanos e cristãos porque não hávia lugar para a invocação do humanismo cristão. É uma adaptação à tradição profana, imitação servil, e ausência total de elementos da língua especificamente cristã.

A poesia de caráter verdadeiramente cristão, no entanto, estava prestes a chegar. Dois poetas, o espanhol Prudêncio e o Bispo de Nola, originário de Bordeaux, vieram preencher o grande vaziu. Foram os primeiros poetas a conceberem o ideal de uma poesia de inspiração verdadeiramente cristã, aqueles que, cada um à sua maneira, representaram o que de melhor se produziu nesse gênero literário. Enquanto Prudêncio colocava apenas o problema da forma lingüística e estilística da poesia cristã, Paulino de Nola mostrou uma consciência mais profunda sobre a importância desse problema e pretendeu inaugurar uma poesia hagiográfica.

Prudêncio é essencialmente um humanista e admirador fervoroso da cultura e das artes antigas. Sua admiração pelos clássicos era tanta que pretendia conservar nas cidades as estátuas dos deuses antigos por causa de seu valor artístico. Esse entusiasmo pela cultura antiga fez de Prudêncio o criador de uma poesia cristã artisticamente equivalente à poesia profana. Uma poesia cristã multiforme, com uma escolha de renomados modelos clássicos diferentes para cada momento. No *Cathemerinon*, Horácio lhe serve de exemplo: na *Apotheosis* e no *Hamartigenia* evoca Virgílio e Lucrécio; o *Peristephanon* relembra os cantos de Píndaro. Com um golpe de mestre Prudêncio quebra toda a monotonia existente na poesia cristã, espelhada, antes, somente na epopéia. Esse não é o único mérito de nosso poeta. Num de seus prefácios

desenvolveu uma espécie de poética cristã, cuja arte deve ser orientada para os objetivos sobrenaturais.

Prudêncio é o primeiro dos poetas cristãos que considerava sua atividade poética como uma verdadeira vocação (Mohrmann, 1958, 157, ss). O traço mais importante, mais característico de sua poesia é a inspiração verdadeiramente religiosa. Como seus antecessores, Prudêncio pouco conseguiu no sentido de criar uma língua poética de caráter cristão. Apesar de inovador da poesia cristã, primeiro poeta cristão de inspiração verdadeiramente religiosa, Prudêncio não logrou uma renovação capaz de transformar a língua poética tradicional. Seu esforço resultou apenas num certo dualismo, sem dúvida, prejudicial às qualidades poéticas e puramente artísticas de suas obras. Prudêncio fala da língua tradicional da poesia clássica, embora o tabu já não se manifestasse mais de maneira tão rigorosa como na poesia mais antiga. Enfim, é ainda a força irresistível da tradição poética latina que persistiu (Lavarenne, 1933, passim).

Paulino de Nola vai um pouco mais além do que Prudêncio, não permanecendo apenas na exposição do problema da forma lingüística e estilística da poesia cristã, ele tem consciência clara desse problema. Embora numa correspondência (escrita após a sua conversão), a seu mestre Ausônio, Paulino fale de maneira desdenhosa da poesia profana, sempre se manteve fiel à forma tradicional dessa poesia. Diferente de Prudêncio, coloca bem o problema da forma lingüística e estilística da poesia, afirmando que a poesia cristã devia renovar a maneira da poesia com um sentido cristão, e continuar com a mesma forma tradicional. Pôs em prática seus próprios princípios, tentando criar uma poesia cristã dentro do quadro da antiga tradição romana, inaugurando uma poesia hagiográfica e introduzindo a elegia na poesia cristã. Mostrou em todas suas obras um estilo refinado no que se refere à tradição poética. Foi um poeta de grande sensibilidade e de inspiração verdadeiramente cristã. Mas, quando fez a transferência dos textos bíblicos para a poesia métrica, muito freqüentemente faltou-lhe o bom gosto. Aliás, foi essa a tendência que se seguiu após Prudêncio e Paulino.

Sabe-se que Comodiano¹, uma espécie de fenômeno literário que precisa ser melhor conhecido, dedicou-se à criação de uma poesia de natureza totalmente vulgar e que Santo Agostinho deixou escrito apenas salmos abecedários, espécimes de poesia de propaganda em língua comum. Como se percebe, nem um desses dois poetas, nem outros, conseguiram criar uma poesia cristã dotada de vitalidade dentro do quadro da tradição poética romana. A poesia cristã acabou tomando o rumo de uma poesia mais popular, mais sentimental e religiosa: o hino.

Foi no hino que a poesia cristã encontrou finalmente sua forma mais natural e mais fecunda. Inicialmente, sem nenhum contato com a tradição romana, desenvolveu-se nas comunidades cristãs, sob a influência bíblica e, talvez, sob a inspiração de certos exemplos gregos. Também a poesia hínica acabou trilhando depois o caminho da tradição romana, não mais de uma maneira servil e impessoal mas, sim, de forma reflexiva e independente.

Hino (umnos), na literatura grega era um canto entoado

com acompanhamento da cítara, dedicado à glória dos deuses ou dos heróis. Na literatura grega cristã, porém, umnos era um canto de glória a Deus e, na liturgia, uma prece exaltada dentro de um estilo musical.

Os latinos que, certamente tomaram emprestado a forma (umnos =hino) dos gregos definem essa poesia como *hymnus specialiter Deo dicitur* (AMBR. De off. 1, 45). Santo Agostinho a define mais exatamente como *hymnus tria ista habet, et cantum et laudem et Dei. Laus ergo Dei canticum hymnus dicitur* (AGOST. Enarr. in Ps. 148, 17). Para Santo Ambrósio e Santo Agostinho, hino era, então, um canto que glorificava e louvava a Deus. Nesse sentido, foram incluídos os salmos e os cânticos do Antigo Testamento. Era traço essencial da poesia hínica o caráter elevado e dirigido a Deus. Entre os cristãos mais antigos falava-se mesmo de um caráter inspirado da poesia. É nesse sentido que se insinua uma relação elementar e psicológica com a mais antiga poesia grega.

A poesia grega, principalmente a lírica, nasceu espontaneamente do canto improvisado e acompanhado da lira dos pastores. Origem semelhante teria tido o canto religioso ou o hino. Inicialmente, apenas um canto carismático, totalmente espontâneo, pessoal e individualizado, depois teria sofrido algum arranjo para o uso coletivo. Foi assim que, segundo o *Atos dos Apóstolos* (Act. 4, 24), os fiéis entoaram um hino improvisado por ocasião da libertação de Pedro e Paulo da prisão.

A igreja ocidental apóia o nascimento da poesia hínica no testemunho de Tertuliano: *post aequam manulem et lumina, ut quisque de scripturis sanctis vel de proprio ingenio potest, prouocatur in medium deo canere* (Apologia. 39, 18).

Parece que, inicialmente, esses cantos eram entoados sem métrica, mas para o romano a forma métrica ainda era a marca distintiva, essencial e obrigatória da poesia. Muito pouco restou dessa espécie antiga de hino em prosa. Há hoje uma espécie desses cânticos primitivos conservado num dos cantos mais e sublimes da igreja, o *Te Deum* que faz parte do Ofício Divino cantado pelas congregações religiosas nos dias de festa solene, principalmente como Ação de Graças, contendo um canto de glória a Deus e terminado por uma doxologia, seguido de um hino em honra de Cristo, e uma terceira parte composta de textos extraídos de salmos, constituindo uma prece.

Segundo Dom Morin (1894, 77 ss) foi Nicetas de Remesian, contemporâneo de Paulino de Nola, o feliz redator desse belo canto em prosa que teve a idéia de reunir, de maneira tão harmoniosa, diferentes elementos que remontam, em grande parte, a tempos muito antigos (Cagin, 1906, 87 ss). S. Cipriano (De mortalitate, 26) também atesta uma data bem antiga para o *Te Deum: Illic apostolorum gloriosus, illic prophetarum exustantium numerus, illic martyrum innumerabilis populus*.

Pode-se considerar o *Te Deum* como um dos representantes mais antigos da poesia hínica latina. Colocado nos quadros da poesia cristã, esse hino apresenta quatro traços característicos que o separam nitidamente de tudo o que se tem observado até então. Primeiro, ausência de elemento métrico, depois um paralelismo muito rigoroso, uma influência bíblica e, enfim, o emprego, sem nenhuma restrição,

¹Cf. A hipótese de M. Courcelle sobre o período em que viveu Comodiano e a interpretação de suas obras, in Rev. des Études Latins, t. XXIV, 1946, p. 227 ss..

de elementos pertencentes ao idioma dos cristãos. A ausência de elemento métrico situa o *Te Deum* fora do quadro da poesia tradicional e o coloca em estreita relação com os cantos bíblicos. Nem precisa dizer que o paralelismo é devido à influência bíblica; só que esse paralelismo, há muito tempo, já não era estranho ao espírito romano. Segundo Marouzeau, estaria nisso um dos traços mais característicos da língua e do estilo latinos antigos (Marouzeau, 1954, 288-295) Essa tendência ao paralelismo é mantida em muitas línguas especiais, conservadoras ou arcaicas, como o latim dos juristas e a língua culta. Um exemplo desse antigo paralelismo, que nos faz lembrar o *Te Deum*, é encontrado em Catão (*De Agricultura*, 141): *Uti tu morbos uisos inuisosque / uiduertatem uastitudinemque / calamitates intemperiasque / prohibessis defendas auerruncesque, / utique tu fruges frumenta / uineta uirgultaque / grandire dueneque / euenire siris / pastores pecuaque / salua seruassis.*

Observa-se, nesse texto, um paralelismo que nos leva, a cada instante, à estrutura do *Te Deum*. Sem dúvida, sua presença nos hinos cristãos é consequência da predileção por um paralelismo cultivado, na língua e literatura latinas, desde os tempos mais antigos. Não se manifesta apenas nos hinos em prosa, com Santo Ambrósio, o gênero que se aproximava da poesia tradicional romana e se manteve durante séculos, como um dos traços mais característicos dos hinos cristãos.

Fato notável é que o latim dos cristãos tornou-se instrumento natural dessa poesia hínica. Bebe-se, aqui, tranqüilamente, nas fontes cristãs. Em cada estrofe encontra-se termos e torneios especificamente cristãos: *Deus, Dominus, Pater, angeli, Cherubim, Seraphim, Potestates*, etc. Essas observações bastante sucintas dão uma idéia sumária da grande diferença que há entre a língua da poesia hínica e a da poesia cristã tradicional.

Mário Vitorino, célebre retórico, cuja conversão ao cristianismo no final de sua vida impressionou demais os círculos literários de Roma, como é atestado por Santo Agostinho (*Confissões*, VIII, 2), deixou alguns hinos conservados até hoje, perfeitamente dentro das características do *Te Deum*. Além muitas expressões cristãs, encontravam-se neles paralelismos e abundantes reminiscências bíblicas. Apesar das qualidades extraordinárias que têm feito do *Te Deum*, um dos cantos preferidos da Igreja, os hinos em prosa nunca foram populares no Ocidente. A tradição do estilo elevado tornou-se tão forte que a forma métrica tornou-se obrigatória para todos os gêneros poéticos, mostrando um retorno evidente do estilo elevado nos no século IV.

Grande fundador e criador de belos hinos foi, sem dúvida, Santo Ambrósio. Procurando aproximar-se da tradição poética romana, conservou muitos elementos do hino cristão primitivo, como dos arianos que se serviam de um tipo de poesia hínica para propagar sua doutrina. Consciente do grande sucesso dessa propaganda, Santo Ambrósio teve a idéia de fazer hinos para serem cantados pelos fiéis e, assim, propagarem a fé. Avaliação dessa propaganda, sobretudo, numa carta dirigida ao Imperador Valentiniano:

Hymnorum quoque carminibus deceptum populum ferunt. Plane, nec hoc abnuo. Grande carmen istud est, quo nihil potentius. Quid enim potentius quam cofessio Trinitatis, quae quotidie totius populi ore celebratur? certatim omnes student fidem fateri: Patrem et Filium et ? Spiritum Sanctum

norunt uersibus praedicare. Facti sunt igitur omnes magistri, qui uix poterant esse discipuli (Ep. 21, 34).

O bispo de Milão tinha consciência do valor demagógico do canto hínico e chega a se utilizar do cinismo de intelectual que conhecendo a gente simples é capaz de manipular a opinião popular.

O sucesso dos hinos de Santo Ambrósio, desde o momento em que foram criados, não estava restrito apenas ao povo simples, como as palavras de Santo Ambrósio deram a entender, mas se estendeu também aos intelectuais. Santo Ambrósio, com um gosto literário refinado e alto discernimento, soube unir elementos essenciais de uma poesia cristã e elementos tradicionais da herança literária romana. Formado nas tradições da cultura romana, Santo Ambrósio sabia muito bem que uma poesia que se desligasse completamente da tradição literária de Roma, e que eliminasse o elemento regulador da métrica, não teria condições de sobreviver. Compreendia, por outro lado, que um sistema métrico complicado seria anacrônico nesses tempos em que se via ruir o sistema rítmico fundado sobre a quantidade silábica. Por isso escolheu o dímeter jâmbico acatalético, metro já muito popular desde os tempos do imperador Adriano, preferido durante séculos pela poesia hínica. Um certo compromisso entre força de tradição e exigências de tempos novos, devido ao sucesso dessa poesia destinada a ser cantada pelo povo, provocou, muitas vezes, coincidência entre *ictus* e acento da palavra. Ao lado, porém, desse ritmo quantitativo, que tendia a ceder lugar a um ritmo acentual, Santo Ambrósio conservou o paralelismo do hino antigo, que correspondia às tendências romanas.

Quanto à língua e estilo, Santo Ambrósio, soube achar o equilíbrio. Com ele desapareceu o tabu e a sujeição servil à traição poética. O bispo manteve certas restrições à abertura da língua: não permitiu o uso livre e sem controle do latim dos cristãos, assinalado no *Te Deum*, por exemplo. Com Ambrósio, o latim dos cristãos se adapta às exigências de uma poesia que, sem saber, rompe com a tradição e busca caminhos novos. Pela primeira vez se está diante de uma língua poética cristã. Apenas para ilustrar o que foi dito, citamos duas estrofes de um hino de natal de Santo Ambrósio *Veni redemptor gentium*:

Veni redemptor gentium / Ostende patrum virginis / Miretur omne saeculum / Talis decet partus Deum / Non ex uirili semine, / sed mystico spiramine

Verbum Dei factum est caro / Fructusque uentris floruit (Mohrmann, 1958, 167).

Nesse poema, observa-se que há uma invocação solene em forma pura, como na poesia antiga. As forças humanas não são dignas de cantar o mistério do nascimento do redentor, é preciso que o próprio Salvador venha revelar esse mistério. Neologismos cristãos como *redemptor, verbum, caro* e termos que evocam reminiscências da poesia tradicional, como *mystico, spiramine, uirili*, etc., dão o equilíbrio desejado para uma poesia jovem. Basta comparar o *Veni redemptor gentium* com um hino de natal do poeta Prudêncio, o canto 11, do *Cathemerinon*, para melhor entender o quanto há de entrelaçamentos na poesia hínica de Santo Ambrósio entre o elemento cristão e elemento tradicional. Compreendeu-se, então, uma vez mais, que a poesia cristã não poderia ser salva por um classicismo servil, nem por uma ruptura completa com as tradições romanas. Somente a perspicácia de um autor

como Santo Ambrósio poderia encontrar o equilíbrio entre esses dois elementos e, assim, cultivar, por muitos séculos, uma verdadeira herança poética dos romanos.

2. O estilo da poesia latina cristã

Já vimos o quanto o surgimento do idioma dos cristãos, que evidenciou a criação da diferenciação lingüística realizada no curso de algumas gerações, alterou profundamente a fisionomia da língua latina. Se esse processo tivesse continuado na mesma intensidade em que se vinha realizando, o latim teria se tornado, já no decorrer do IV e do V séculos, uma língua toda nova, completamente dominada por estrangeirismos, a ponto de não se reconhecer nela qualquer vestígio que lembre a língua de um Virgílio e de um Horácio. Mas não foi assim. Após o período revolucionário dos dois primeiros séculos, durante o qual o latim dos cristãos se formou e se estabilizou, houve um certo esfriamento na evolução e uma consolidação geral, uma cristalização das inovações lingüísticas. Por volta da segunda metade do século IV, e no começo do V, no entanto, surgiu novamente uma atividade criadora muito acentuada, de caráter bem diferente daquele dos primeiros séculos. Paralelamente às inovações de caráter popular das primeiras gerações cristãs apareceu, sobretudo no século IV, uma preocupação bastante acentuada com a língua culta e literária. Além do já elevado número de neologismos indiretos (muitas vezes de nomes abstratos) eram, agora, os termos técnicos latinos doutos, sobretudo os teológicos, que comprovam emancipação da cristandade ocidental, procurando viver de seus próprios recursos lingüísticos.

Houve entre esses dois períodos criadores uma outra evolução, como já foi observada, ou seja, a criação do mais antigo idioma cristão era, na sua maior parte, uma criação popular, determinada parcialmente por exemplos estrangeiros. Embora se pudesse dizer que quase nunca se violou a tradição da língua latina, observou-se, contudo, um confronto, uma diferença entre regras e preceitos da escola. Apesar do caráter revolucionário dessa primeira diferenciação, quase todos os elementos fixos, na primeira hora, passaram definitivamente para a língua latina normal. Todos os empréstimos dos primeiros séculos foram mantidos e nunca foram substituídos por termos latinos. A maior parte dos elementos vulgares também se fixaram e nunca se sentiu a necessidade de eliminá-los. Esse inventário, necessário ao idioma cristão, uma vez criado, além de manter-se num certo conservadorismo em defesa da herança cristã dos primeiros séculos, imperceptivelmente se orientou em direção às normas mais tradicionais. Essa evolução se explicava pelo fato muito normal de que, cada vez mais, pessoas cultas, intelectuais, e outras, se convertiam ao cristianismo, e que as comunidades cristãs que, no começo, recrutadas sobretudo em meio a pessoas simples, passaram por uma emancipação sócio-cultural. Esse conservadorismo literário e lingüístico se deve também ao ensino escolar que influenciou os círculos cultos e, sobretudo à literatura. Marrou (Marrou, 1948, 416, ss) demonstrou que até o fim da Antigüidade todos os cristãos passaram pela escola pagã, ou seja, pela escola onde se dava o ensinamento básico da literatura profana, ensinamento que pode ter sido ministrado até mesmo por cristãos. Era sobretudo a influência exercida pela escola, freqüentada por cristãos e pagãos que havia conservado, nos meios cristãos cultos, a

tradição da literatura profana, ou seja, a tradição de um certo conservadorismo literário. Qualquer que tenha sido antes essa escola, ela entra no século IV em crise (Pavan, 1952, 25, ss)

A escola tradicional passava por uma crise muito especial, muito própria, por ter conservado o germen da decadência que fazia com que se afastasse, cada vez mais, do lado prático da vida. O maior problema cultural do século IV era a afirmação do Cristianismo, cujo humanismo, há séculos sufocado e ignorado pela oficialidade clássica, encontrou, então, o reconhecimento do poder político.

O contato contínuo das sucessivas gerações cristãs com a literatura pagã e com a tradição da escola não descaracterizou o idioma cristão nem tirou-lhe o mérito de criação lingüística autônoma. Para os cristãos o ensino profano era apenas bagagem necessária para se estar no mundo. De maneira alguma afetava-lhe a vida íntima. Nem por isso esse ensino deixou de imprimir marcas indeléveis na literatura cristã. Graças a ele, a literatura pôde ser expressa no idioma cristão e adotados os procedimentos tradicionais de estilo. Aliás, quase todos os autores cristãos adaptaram seu estilo às regras da escola, liderados pelo próprio Santo Agostinho, o primeiro a abordar o assunto com profundo conhecimento de causa. No tratado *De doctrina Christiana* ele examina, sobretudo, o problema do estilo cristão sob os aspectos da influência bíblica e da língua popular na tradição da literatura cristã.

A adoção de princípios do estilo tradicional e conservador é de fundamental importância para os autores cristãos e, evidentemente, para a evolução do falar cristão, em geral. Pode-se dizer que, após as inovações revolucionárias dos primeiros séculos, o latim dos cristãos consolidou-se, graças a certas tendências conservadoras. Tornou-se, também, idioma flexível porque se adaptou às tradições estilísticas de Roma, fazendo justiça à ideologia e à prática da vida cristã. O resultado de tudo isso foi o nascimento de um humanismo cristão, em vigor, sobretudo, nos textos do século V.

Combinação feliz de elementos estilísticos e lingüísticos, originários da tradição romana, e de elementos especificamente cristãos constituiu a base da literatura latina cristã, sustentada no seu apogeu, como indicam as obras de Santo Agostinho, de Santo Ambrósio, de Paulino de Nola e de muitos outros. Nesse período clássico da literatura cristã lançou-se mão de todos os recursos do idioma cristão, desde a liberdade que permitia, como no século II, a criação de neologismos que habilitara o idioma a interpretar o pensamento abstrato até a riqueza de recursos estilísticos, originários da tradição retórica de Roma, da Bíblia, além dos recursos espontâneos, populares da língua viva.

Um estilo propriamente cristão, todavia, vai demorar, ainda, para se fixar. A latinidade cristã expressou sua maturidade de maneira multiforme na literatura patristica. O latim instrumental de Santo Agostinho, a criação de uma poesia de expressão cristã de Santo Ambrósio e a forma culta adotada na liturgia romana são domínios essenciais da vida espiritual e religiosa que encontraram seu meio de expressão no idioma dos cristãos. Nunca, na pregação cristã, se esteve tão próximo do perigo de se retornar a um culto da palavra. Nunca foi tão real a tentação de se adaptar os princípios retóricos e banais, à pregação e à difusão da mensagem evangélica. O perigo tornou-se tanto mais real quando se

descobriu que muitos dos bispos da igreja antiga foram recrutados entre retóricos e literatos. Imagine-se qual não seria a situação desses pregadores diante da tentação de um maneirismo literário, aliás, muito contrário à mentalidade dos cristãos dos primeiros séculos. Nesse contexto, nessa ambiência cultural, nesse quadro de evolução, nessa relação com as tendências de aproximação com a literatura contemporânea é que se deve analisar aquilo que Santo Agostinho diz, no Livro IV de seu tratado *De Doctrina Christiana*, sobre a forma literária do ensino das verdades cristãs (Marrou, 1938, 505, ss). Santo Agostinho decididamente foi um utilitarista como se tem dito, pois, para ele, a eloquência e a expressão literária são simplesmente um meio, nunca um fim em si mesmas. Nesse caso, a eloquência não é nem um bem nem um mal, tudo depende do uso que dela se faz. Ele defende as idéias práticas das primeiras gerações cristãs, colocando-se em oposição à tradição antiga, clássica. Há ainda um outro problema. Qual deveria ser a atitude do cristão diante do sistema antigo que deveria garantir a eloquência, a retórica? Era legítimo para o orador cristão a busca da expressão artística? E ainda mais, pode-se recomendar, ou mesmo, impor a arte retórica ao orador cristão? É aqui, ainda, que Santo Agostinho permanece fiel à tradição da Igreja mais antiga e exprime, com certa veemência, suas idéias. Tal veemência, sem excluir a moderação teórica, demonstra claramente que estava ciente do perigo real que ameaçava a cultura cristã e, mesmo assim, conseguiu formular, embora com dificuldade, o seu ideal, em oposição à cultura profana (Marrou, 1938, 515, ss). Santo Agostinho, realmente teve medo de que os hábitos literários fossem transportados ao interior da igreja e que a atividade religiosa se tornasse profana. Apesar de toda essa preocupação, manteve-se moderado. Não tinha dúvidas de que a retórica era indispensável para se alcançar a eloquência (como meio e não como fim), mas havia outros métodos de se adquirir o talento da eloquência, como, p. ex., imitando a Sagrada Escritura e os grandes autores cristãos. Foi exatamente nesse ponto que se constatou a essencial evolução dos conceitos lingüísticos. A forma literária da qual os literatos se envergonhavam foi para Santo Agostinho um exemplo de eloquência. Em *De doctrina Christiana*, não assinala apenas as belezas estilísticas e literárias da Bíblia, mas apresenta-as como exemplo a ser seguido pelo orador cristão. Juntamente com a Sagrada Escritura, são os clássicos cristãos que devem formar o orador sacro. Dessa maneira, já é possível delinear-se uma tradição literária nos meios cristãos.

Apesar desse vislumbre de uma tradição estilística nos meios cristãos, estudiosos como Mohrmann (1965, 147-170) afirmam que a teoria de Santo Agostinho não se confirmava totalmente na prática, principalmente nos *Sermones*. Fundamentam sua crítica, considerando, certos elementos do estilo dos *Sermones* como elementos artificiais, emprestados da tradição da segunda sofística. Na verdade, a teoria do *De Doctrina Christiana* nada mais era do que aquilo que mesmo fazia na prática como pregador. Alguns elementos do estilo dos Sermões foram emprestados diretamente da língua viva e contemporânea, como é o caso dos jogos de palavras, e de um certo grau de rima, característica secundária apenas próxima de uma seqüência natural do paralelismo e da antítese. Quanto aos elementos de estilo mais acentuados e mais freqüentes como a antítese, o paralelismo, o climax e o

dialético, o próprio Santo Agostinho os considerou como consagrados pelo uso bíblico (Mohrmann, 1958, 71, ss). Se o pregador aplicou a teoria à prática ou justificou a prática com a teoria, não é tão relevante. O importante é que foi o primeiro a dar uma teoria da eloquência sagrada, a introduzir um elemento novo e essencial, ou seja, a imitação do estilo bíblico, dando continuidade à tradição dos primeiros séculos.

Se não se tem, ainda, uma história minuciosa da pregação cristã dos primeiros séculos, tem-se, pelo menos, uma convicção, segundo a qual Santo Agostinho desempenhou um papel decisivo na evolução da eloquência sagrada. Reconheceu, na teoria e na prática, a utilidade dos processos antigos, tirados da tradição bíblica, da tradição da literatura cristã e da língua popular e coloquial.

Apesar de uma tradição mais classicista ter insistido, principalmente com S. Leão, o Grande, por exemplo, e, apesar da teoria e a prática não terem sido adotadas universalmente, os sermões de Santo Agostinho serviram de exemplos a gerações e gerações de pregadores.

Se na prosa foi assim, na poesia valeu o pragmatismo. De fato, na poesia, a estilística teve que enfrentar o utilitarismo da língua, observado nos séculos II e III. Nesses séculos, o pragmatismo lingüístico, por sua própria natureza, se opunha totalmente ao nascimento de uma poesia, nos moldes das tradições romanas. Uma das causas desse estado de coisas era o fato de a poesia romana ter mergulhado, nos dois últimos séculos num pedantismo sem conta contrastando com a gravidade e o entusiasmo dos primeiros cristãos. Supunha Tertuliano que os cantos improvisados, em prosa, do gênero dos salmos, constituíram a primeira tentativa de poesia cristã original, mas esses cantos carismáticos dificilmente foram considerados como espécimes de uma poesia nova.

A partir do início do século IV, começou a surgir uma poesia cristã adaptada às tradições da poesia profana. Sua característica principal era a sujeição servil e rigorosa à tradição romana, de forma a não poder ser considerada expressão direta dos sentimentos religiosos. Foi uma poesia que aparece em conseqüência de considerações de ordem prática, vista como apêndice da poesia profana, instrumental e didática. Pareceu ter encontrado um equivalente da poesia profana, propondo-se a versificar textos bíblicos, com o objetivo de arregimentar elementos importantes para o ensino cristão suplementar. Tratava-se de um gênero de poesia que nada tinha a ver com inspiração religiosa. São versificações pedantes de textos bíblicos numa língua religiosamente subserviente ao modelo da grande poesia clássica. É de tal maneira dependente da tradição épica romana, que evita, da maneira mais rigorosa possível, o uso de elementos lingüísticos de caráter especificamente cristão. Procurava afastar o uso de termos e de torneios próprios ao idioma dos cristãos, transformando expressões especificamente cristãs com o objetivo de lhes dar um toque poético e tradicional. O traço mais negativo dessa poesia era o cuidado de evitar tudo o que poderia destruir a ilusão de uma poesia clássica.

Por outro lado, essa poesia didática foi a precursora de uma verdadeira poesia inspirada, que também adotava o princípio da exclusão dos elementos especiais do idioma cristão, mas de maneira menos rigorosa. Assim é a poesia de Prudêncio e de Paulino de Nola, verdadeiros representantes da poesia cristã.

A poesia de Prudêncio e de Paulino ofereceu

oportunidade para se estudar as relações entre uma verdadeira poesia cristã e as tradições poéticas latinas.

Podemos afirmar, inicialmente, que, embora Prudêncio considerasse sua atividade poética uma verdadeira vocação, sua poesia, originada de inspiração verdadeiramente religiosa, não conseguiu criar uma língua poética de caráter cristão. Ele também considerou algumas palavras e expressões populares não poéticas¹, e substituiu termos cristãos por perífrases clássicas e poéticas. Cristo ressuscitado, por exemplo, é chamado de *dux rediuius*, Deus Pai *uerus tonans*, Espírito Santo, *tonantis spiritus*, etc. (Herrera, 1936, 142, ss).

Mais ou menos oposto a Prudêncio, Paulino de Nola colocou o problema da forma lingüística de maneira mais prática e, aliás, aplicada à sua própria poesia, dizendo que se deve utilizar a matéria da poesia no seu sentido cristão, embora se conserve a forma tradicional. No afã de criar uma poesia cristã nos moldes da antiga tradição romana, acabou não conseguindo criar, sequer, uma poesia cristã dotada de vitalidade.

Uma novidade, no entanto, aparece com relação ao domínio da poesia-métrica e tradicional. Criou-se uma poesia-métrica nova, intérprete das idéias e dos sentimentos cristãos na própria língua do povo cristão. É que a tradição da poesia métrica era tão solidamente estabelecida que não permitia inovações, ou não se prestava a um renascimento. Foi, então, como já vimos, nos hinos, numa forma poética toda nova, que o cristianismo encontrou a expressão poética na sua própria língua. Essa expressão poética desenvolveu-se nas comunidades cristãs sob a influência bíblica e a inspiração de certos exemplos gregos e que, finalmente, acabou trilhando também o caminho da tradição romana, não de maneira servil e impessoal, mas de forma independente e reflexiva, como consequência evidente da fecundidade do humanismo cristão, manifestado desde cedo, na evolução da eloqüência sagrada.

Os hinos, cânticos em prosa, mas considerados poesia, tinham caráter espontâneo e carismático, desempenhavam papel estimulador da religiosidade nas comunidades cristãs. Assim, no *Atos dos Apóstolos*, v.g., os fiéis entoavam um hino improvisado por ocasião da liberação da prisão dos Apóstolos Pedro e João (*Atos*, 4, 24). Tertuliano também falou dessa improvisação dos hinos (*Apologético*, 39, 18). Enfim, a comunidade cristã mantinha um potencial espiritual e religioso, alimentado por textos bíblicos favoráveis às improvisações. Além disso, conservava grande número de outros cânticos religiosos como salmos e hinos preparados para ocasiões e solenidades. Um desses cantos, compostos para grandes solenidades da igreja, é o *TE DEUM*, como se viu..

Considerado em relação aos quadros da poesia cristã, o *Te Deum* apresenta ausência de métrica, paralelismo muito rigoroso, influência bíblica e, finalmente, o emprego, irrestrito, de elementos pertencentes ao idioma cristão. Essa poesia de hinos em prosa, ou essa prosa poética, constituiu-se como um antípodo da poesia métrica tradicional. Foi a continuação direta da poesia bíblica, dos salmos e dos antigos cânticos, nada tendo a ver com a poesia romana. Essa poesia sem métrica, inteiramente estranha à tradição romana e ocidental, acabou tendo também alguma aproximação com as tradições romanas

A criação dessa forma literária coube a Santo Ambrósio, apesar das tentativas, sem sucesso, de Santo Hilário de Poitiers. Santo Ambrósio conseguiu aproximar-se da tradição poética romana, sem abandonar grande parte dos elementos do hino cristão primitivo. Para isso utilizou-se de sua sensibilidade artística e do senso prático e foi buscar um tipo de poesia hínica que os arianos criaram com muito sucesso, para proteger e propagar sua doutrina. Decalcado nesse modelo, o Bispo de Milão criou, então, um novo tipo de poesia de valor mais propagandístico do que poético e que agradou desde o início.

O sucesso da poesia ambrosiana se deveu, ainda ao gosto literário muito fino, e a um discernimento deliberado e consciente que estabeleceram certa equilíbrio entre os elementos essenciais de uma poesia cristã e os elementos tradicionais da herança literária de Roma. Solução buscada no *uirtus in medio*, fruto de um verdadeiro humanismo cristão. Não foi difícil para Santo Ambrósio, que se alimentava das tradições da cultura romana, perceber que uma poesia que se afastava completamente da tradição literária de Roma, e que eliminava o elementos reguladores da métrica, não tinha chance de sucesso. Percebia, por outro lado, que um sistema métrico complicado, anacrônico, fundado sobre a quantidade silábica, se desmoronava. Por isso escolheu o dístico jâmbico acatalético, o metro popular, desde os tempos do imperador Adriano, e que teria a preferência da poesia hínica durante muitos séculos. Na poesia hínica atribuída a Santo Ambrósio não há negligência da forma métrica, ao contrário, há compromissos entre a força da tradição e a exigência dos novos tempos; compromisso esse responsável pelo grande sucesso de uma poesia destinada a ser cantada pelo povo. Ao lado do ritmo quantitativo, que ameaçava ocupar o lugar de um ritmo acentuado, Santo Agostinho conservou um certo grau de paralelismo do hino antigo, que correspondia muito bem às tendências romanas (Mohrmann, 1958, 74, ss).

Quanto ao estilo, Santo Ambrósio buscava o mesmo equilíbrio. Salvo algumas restrições, procura eliminar o tabu e a sujeição servil à tradição poética. Não permitiu-se o uso inteiramente livre do latim dos cristãos assinalado, por exemplo, no *Te Deum*. No hino ambrosiano encontra-se, pela primeira vez, uma verdadeira poesia cristã. É o latim cristão, adaptado às exigências de uma poesia, que, sem romper com a tradição, procurou caminhos novos. No hino ambrosiano o elemento cristão e o elemento tradicional se entrelaçaram, e desse entrelaçamento resultou uma poesia jovem e robusta. Uma poesia cristã não poderia ser reconstruída segundo os parâmetros de um classicismo servil. Da mesma forma, a pregação cristã não poderia submeter-se às exigências de uma retórica tradicional. Agora, depois dessa espécie de simbiose, seria praticamente impossível qualquer ruptura com as tradições romanas. O equilíbrio encontrado entre esses dois elementos, causa da fecundidade poética durante tantos séculos, deveu-se à sabedoria e à sensibilidade de Santo Ambrósio.

Com relação à forma cultural adotada pelo latim, na língua da liturgia de Roma, observou-se o mesmo processo. Uma aliança entre *Romanitas* e *Christianitas* garantiu uma forma combinatória de elementos especificamente cristãos, aliados a um certo tradicionalismo romano. O *Canon* da missa

¹. BERTIL AXELSON, *Unpoetische Wörter, ein Beitrag zur Kenntnis der lateinischen Dichtersprache*, Luind 1945.

seria o ponto de referência da evolução da língua litúrgica de Roma. Sabe-se que a liturgia eucarística de Roma latinizou-se numa época muito tardia. A forma mais antiga do *Canon* da missa foi conservada, como se sabe, pelo tratado ambrosiano *De sacramentis*. Quando se compara o texto do *Canon*, citado por Santo Ambrósio, com um mais antigo, vê-se como o caráter lingüístico e estilístico do *Canon* evoluiu de maneira considerável. Nessa evolução pode-se distinguir duas categorias de modificadores (Mohrmann, 1950, 4, 25 ss). Primeiro, a eliminação da construção paratática do texto antigo, substituindo-a pela parataxe, ou por uma frase relativa, ou, ainda, por um ablativo absoluto. Seria sem dúvida, a busca da elegância e a preferência pelas construções da língua culta que haviam inspirado essas modificações, por sinal, não muito numerosas.

A segunda categoria de modificações foi muito mais interessante. Consistiu numa busca de abundância, numa acumulação, numa repetição de termos de valores bastante semelhantes, quase sinônimos. Foi nesse ponto aqui que se tocou no traço mais característico da língua litúrgica de Roma, desenvolvida a partir do texto ambrosiano, mas que se acentuou notavelmente no Sacramentário. No texto do *De Sacramentis* poder-se-ia assinalar torneios abundantes que revelaram, às vezes, um curso de idéias mais ou menos jurídicas, como: *fac nobis oblationem adscriptam, ratam, rationabilem, acceptabilem*. Ou, ainda, *et petimus et precamur*. A repetição muito freqüente em *Te igitur*, oração que não figura no *De Sacramentis*: *supplices rogamus et petimus; haec dona haec munera, haec snacta sacrificia illibata; quam pacificare custodire adunare et regere digneris*, etc. Observe-se como, muitas vezes, torneios e expressões são substituídos por outros mais perfeitos. A antiga expressão: *hunc panem sanctum et calicem uitae aeternae*, foi revestida por um paralelismo mais perfeito: *panem sanctum uitae aeternam et calicem salutis perpetuae*, e muitas outras, algumas emprestadas da língua jurídica como: *necnon et ... sed et*, próprio da língua do direito romano; *dignari* do estilo curial que se encontra freqüentemente na correspondência papal.

A utilização de termos com precisão jurídica não era inovação da prece cristã, já era encontrada na mais antiga prece romana pagã. Tratava-se de um processo romano muito antigo em que a busca da verbosidade e da precisão jurídica davam à prece um tom mais solene, um toque de maior respeito, aproximando-se bastante da *grauitas romana*, característica do antigo quirino (Apel, 1909, 23, ss) Uma antiga prece do agricultor romano, dirigida ao deus Marte, (Mohrmann, 1958, 163) dá uma idéia dessa verbosidade escrupulosa, que procurou precisar cada idéia, multiplicando cada enunciação, através de sinônimos e de palavras com praticamente os mesmos sentidos. Verbos, substantivos, adjetivos, todos os elementos da frase, figuraram nessa série, muitas vezes, acentuados pela aliteração e pela rima. A estrutura da frase se mantém equilibrada num paralelismo perfeito:

Mars pater, te precor quaesoque / mihi sies uolens propitius / mihi domo familiaeque nostrae / quios rei ergo agrum terram /

fundumque meum suouetaurilia / circumagi iuss / uti tu morbos uisos inuisosque / uiduertatem uastitudinemque / calamitates intemperiasque / prohibessis, defendas aruerruncesque / utique tu fruges frumenta / uineta uirgultaque / grandire beneque euenire siris ... / etc.
(Mohrmann, 1958, 163).

Um exemplo como esse é suficiente para se ter uma idéia do estilo da prece romana antiga. Apesar da raridade de documentos demonstrando ritmo tão puro, pode-se dizer que o conservadorismo, traço característico do povo romano, se manteve, em todos esses séculos, através do estilo da prece, como uma espécie de estilo nacional (Mohrmann, 1958, 79); as preces sempre retomam as mesmas formas, como por exemplo, *precor quaesoque, do dedicoque; oro et obtestor; bonas preces precor; precor ueneror; ueniam peto feroque*, etc., ou expressões pleonásticas, muitas vezes, assindéticas, como, *ut ego sciam, sentiam intellegamque: custodire, seruate, protegite hunc statum, hunc pacem; do deuoueo; bene saluos seruetis esse*, etc., que retornam regularmente.

Por trás desses textos de prece se escondem verdadeiros traços característicos do estilo das antigas fórmulas cristãs. Encontram-se neles as repetições das idéias, os paralelismos, as aliterações e a precisão jurídica. Não seria ousar muito afirmar que os processos estilísticos encontrados nas antigas preces pagãs, até certo ponto, eram aplicados à prece cristã. O que se conservou foram os elementos estilísticos da antiga prece nacional romana, cultivada oficialmente durante muito tempo, e prestigiada pelo imperador Augusto e seus sucessores. Por outro lado, a liturgia cristã de Roma não sofreu nenhuma influência do estilo oriental helenístico.

A influência da prece antiga sobre o estilo da liturgia cristã não atingiu o vocabulário do *Canon* que permanece inteiramente cristão, ou até mesmo bíblico. A língua litúrgica permaneceu fiel às tradições do falar cristão, que, durante os primeiros séculos do cristianismo, evitava os termos técnicos da religião e do culto pagãos. Os torneios e as expressões do *Canon* romano, que por sua estrutura nos lembram a língua do culto romano e as antigas preces nacionais de Roma, continuaram na tradição cristã. Penetraram na Bíblia, sobretudo, na liturgia em língua grega, na mais antiga pregação oral. Os redatores ou revisores dessas preces deveriam ter grande familiaridade com as duas línguas, para permitir sinonímia e aliterações como as seguintes: *τα σα εκ των σων σοι προσφεροντες / de tuis donis ac datis*. Isso prova que existe sentimento íntimo da índole e da tradição na língua da prece latina.

As primeiras manifestações desses processos estilísticos do latim profano na língua da igreja de Roma ocorreram no antigo texto do *Canon* do *De Sacramentis*, mas, somente no *Canon* Gelasiano antigo é que os processos do estilo tradicional foram aplicados livremente no latim cristão, criando um estilo muito particular, marcando para sempre a língua litúrgica de Roma.

Em vez de um processo excepcional, tem-se, aqui, uma vez mais, os traços de uma evolução ocorrida em quase todos os domínios da vida da igreja antiga. Esse remanejamento de elementos antigos e tradicionais, colocados a serviço do pensamento cristão, contendo valor e conteúdo novos,

encontram-se tanto na língua como na literatura e na arte da cristandade antiga. O estilo da prece não escapou à tendência geral, O *Canon* dito gelasiano apresentava na sua verbosidade solene, às vezes jurídica, um espécime admirável dessa aliança de *Romanitas* e *Christianitas* que permaneceria através do séculos como um dos traços mais característicos da liturgia de Roma.

CONCLUSÃO

A guisa de conclusão, pode-se afirmar, com base nesses aspectos do domínio do pensamento cristão, até aqui analisados, que, após o primeiros períodos revolucionários da formação do latim cristão, houve uma certa aproximação dos valores culturais antigos e dos elementos especificamente cristãos. Sem abandonar aquilo que os primeiros séculos cristãos haviam criado, no isolamento das comunidades primitivas, os séculos IV e V efetuaram uma aproximação entre dois mundos: o mundo cristão e o mundo antigo

Essa aproximação, longe de diluir a cultura cristã, tornou-a enriquecida, aprofundada, acrescida de valores humanos e apreciados pelos cristãos dos primeiros séculos.

BIBLIOGRAFIA

CAGIN, P. **Te Deum ou Illatio?** Scriptorum solesmense I, 1 Solesmes, 1906.

CORDIER, A. **La langue poétique à Rome, Mémorial des Études, Paris 1943.**

COURCELLE, Pierre. **Les lettres grecques in Occident.** Paris. Ed. Boccard, 1948.

DEVOTO, Giacomo. **Lingua di Roma. Bologna.** Instituto di Studi Romani. Licinio Cappelli Editore, 1940.

FONTAINE, Jacques. **Études sur la poesie latine tardive.** In Collection D'études anciennes. Pris, Les Belles Lettres, 1980.

GOELZER, Henri. **Études lexicographique et Grammaticale de la latinité de Saint Jérôme.** Paris Librairie Hachette, 1884.

HERRERA, Rodriguez. **Poeta christianus.** Speyer, 1936.

LAVARENNE, Maurice - **Étude sur le langue du poete Brudence.** Paris, Socièté Frencçaise d' in ivprimerie et de librairie, 1933.

MARROU, Henri-Iréné. **Saint Augustin et la fin de la culture antique.** Paris. Éditions E. de Boccard, 1958.

MOHRMANN, C., **Quelques observations sur l'évolution stylistique du Canon de la Messe romain, "Vigilae Christianae"** 4, 1950.

MOHRMANN, Christine. **Études sur le latin des chrétiens.** Roma, Edizioni di Storia e letteratura, 1958.

PRUDÊNCIO. **Obras completas.** J. Guillen e I. Rofriguez. Madrid B.A.C., 1950. Liber Cathemerinon, texte , 39.

REGNIER, Adolphe. **De la latinité des sermons de Saint Augustin.** Paris, Librairie Hachete e Cie, 1886.

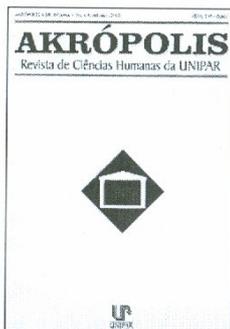
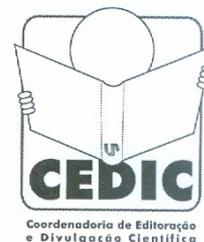
SANTO AGOSTNHO - **Confissões.** Trad. de J. Oliveria Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis, VOZES, 1990.

VULGATA - **BÍBLIA SACRA iuxta Vugatam Clementinam, nova editio.** Logis partitionibus aliisque subsidiis ornata a R. P. Alberto Colunga, O.P. et Dr. Laurentio Turrado. Biblioteca de Autores Cristianos, La Editorial católica, S. A. - Ap. 466. Matrii - MCMLI.

Recebido em:12/04/02

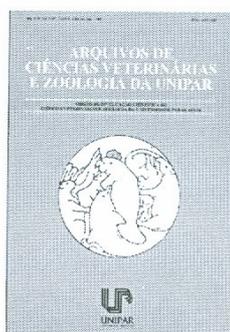
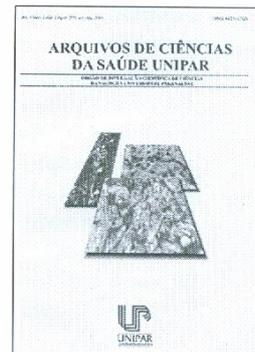
Aceito em:26/08/02

PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS DA UNIVERSIDADE PARANAENSE



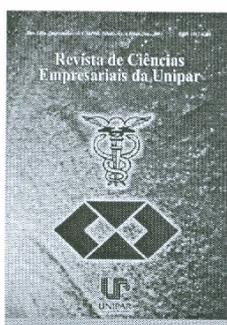
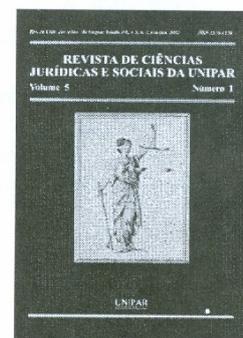
Editor: Prof. Heigi Tanaka
Periodicidade: trimestral
Primeiro fascículo : Ano 1, n.º.1, jan./abr., 1993

Editor: Prof. Débora de Mello Gonçalves Sant'Ana
Periodicidade: quadrimestral
Primeiro fascículo: v.1, n.º.1, set./dez., 1997.



Editor: Prof. Elza Maria Galvão Ciffoni
Periodicidade : semestral
Primeiro fascículo: v.1, n.º.1, jul./dez., 1998.

Editor: Prof. Paulo Roberto de Souza
Periodicidade : semestral
Primeiro fascículo: v.1, n.º.1, jul./dez., 1998.



Editor: Prof. Carlos Alberto Piacenti
Periodicidade: semestral
Primeiro fascículo: v.1, n.º.1, jan./jun., 2000.

Editor: Prof. Iraci da Silva Menezes Yoshida
Periodicidade: semestral
Primeiro fascículo: v.1, n.º.1, jan./jun., 2001.

